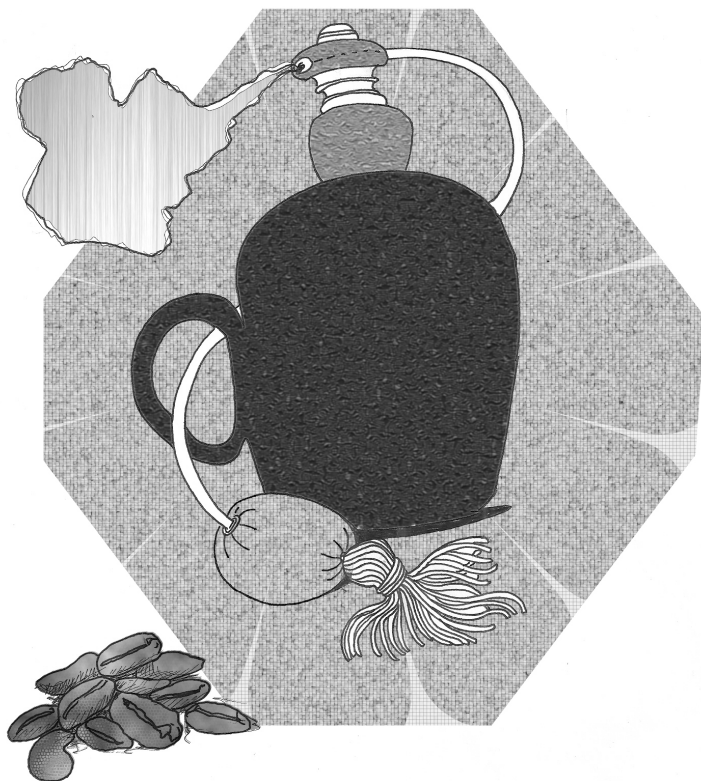


# crônicas 'cheiro de café'



**Abilio Pacheco**



## Pedra de baritina (\*)

Meu contato com a literatura desde que cheguei a Belém passou a ser também o contato (mais frequente) com pessoas relacionadas com a literatura. Antes parecia-me algo bem distante, muito distante. O contato com a literatura era mais com o texto, e a biografia dos autores falava de gente inacessível. Nunca me imaginei perto de algum deles. Em Belém, foi-me possível conhecer pessoalmente Milton Hatoum, Benedicto Monteiro, Ariano Suassuna, por exemplo.

Poderia falar do contato com algum destes. Faço isso em outra oportunidade, pois hoje sinto-me com o desejo de falar sobre Fernando Pessoa. Não sobre ele, mas como cheguei até ele. Não através de seus textos, mas como cheguei perto dele como Werther se aproximou de Carlota (segundo descreve na carta 18 de julho): estando perto de alguém que esteve com sua amada.

Eu morava no edifício Nuno Álvares e sentia-me ainda muito à vontade em Belém. Zero por cento conhecido, eu poderia não me preocupar com detalhes de vestuário. Daí que eu vestia qualquer camisa para ir comprar pão. Meio sonado, entrei no elevador e um senhor que lá estava perguntou-me se eu gostava de literatura. É claro que gosto: veias, músculos, carne e pele. A ele disse apenas que sim, não me ocorria o porquê da pergunta. A resposta saiu automática como se de madrugada perguntassem-me quanto é dois-mais-dois.

O senhor emendou perguntando se eu gostava de Fernando Pessoa. Ora como não? Ainda meio letargo disse que sim e chofrei-lhe um por quê? Eu estava usando uma camisa que a turma de letras 99 da UFPa-Marabá havia feito para um evento sobre o autor (Café com

Pessoa). Aquela conhecida caricatura feita por Almada Negreiros. O elevador descia lento e rangendo, abriu uma ou outra vez e não sei que pergunta mais ele me faria para que eu sáísse do sonambulamento. Sai, súbito, como se me abrisse a máquina do mundo. Ele apontou a caricatura na minha camisa e, com a voz leve de português, timbrada por certa serenidade, disse: Conheci-o quando eu tinha nove.

Despertei-me de vez. Mas como se de repente à luz, custei-me a desanuviar. Dei-lhe atenção deveras, mas o tempo até chegar o solo era insuficiente para o que o evento merecia e certamente não consigo lembrar-me de tudo que ele me disse palavra por palavra. É certo que me contou como conheceu o vate português, em que praça de Lisboa estava... logo saltou para o fato de não trabalhar com literatura, mas gostar de ler. Emendou falando de sua profissão mais pragmática que deleitosa.

Tive uma ideia e uma ação, quase epifânica. Disse-lhe meu nome, perguntei o seu e apertei-lhe a mão. Era uma atitude premeditada. Deixei que falasse mais e mais, sem eu me descurar do planejado. Quando chegamos ao térreo perguntei-lhe se ao falar com o poeta ele o havia apertado a mão. Deliciei-me com o sim. Comemorei por dentro como se fizesse um gol inesperado. Dali para frente aquele senhor passou a ser minha pedra de Bolonha. Eu havia pego na mão de alguém que apertou a mão de Fernando Pessoa.

\* “Deste o século XVII se dá o nome de Pedra de Bolonha ao espato de baritina, o mais importante dos derivados do Bário. A baritina foi elaborada pelo sapateiro bolonhês Vicente Casciorolus que, ao calcinar uma mescla pulverulenta do mineral, mais carvão e verniz, obteve uma massa fosforescente logo depois chamada de lápis salários. Anos mais tarde, o nome foi trocado para pedra luminosa de Bolonha.” (Extraído de [<http://mundo-nosso.blogspot.com/2008/01/mensagem-de-ano-novo-2.html>])

# Cheiro de café

Não há nada que mais me pareça com a crônica que o cheiro do café.

É uma metáfora olfativa, sinestésica; não deveria explicá-la. Fico tentado a encerrar o texto por aqui. Continuo. Afinal posso até escrever contos curtos, mas ainda não optei por treinar as crônicas curtas, embora elas pareçam correr no meu dia a dia. Quem sabe eu tente ainda escrevê-las.

O cheiro do café: matutino, fresco, suave, de leve amargor... Caminhando pelo condomínio pela manhã, fazendo academia, assistindo ao noticiário matutino ou tentando se fechar do mundo num escritório/gabinete é sempre esse gostinho que chega às narinas trazendo um novo dia, as novidades do dia. Mesmo os barulhos da cidade chegam com o café e, antes dele, o seu cheiro.

A crônica seria esse agradável sabor de fragrância nova e breve. Relativamente pontual e tão ligada ao presente. Logo surgindo e logo esvaecendo, mas sempre retomada.

A crônica, a despeito de ser chamada gênero menor, tem seu mistério. Mesmo quem não gosta de café, gosta de seu cheiro, mesmo quem não aprecia literatura ou não tenha hábito de ler, curte uma crônica. Se bem usada, a crônica traz para literatura o leitor iniciante, como o cheiro do café chama para a mesa, convida para uma boa conversa e, mesmo não o bebericando, a mesa fica rodeada e o diálogo flui.

A crônica, atrativa... logo o leitor prova de toda literatura: haicais, sonetos, poemas mais longos, contos, romances...

# Bragabá

Bragança: Marabá – lembrança: memória

Bragança: Marabá é uma cidade submersa cuja imagem vítrea permanece no côncavo de meu cristalino de vinte e sete anos. E de onde emerge a pérola do Caeté tal qual a Mesopotâmia de meia década. Se me não canso de emparelhá-las é por ser uma a matriz intacta de que fala Ítalo Calvino e a outra a que nasce e traz à tona a primeira. E assim passei três semanas em Bragabá.

Dez minutos de caminhada rodeado por silêncios: passos rápidos em pisos irregulares, tempo quente, vento brando, calor gostoso de sol de sete e meia da manhã. A torre da telepará marcando o caminho: inerte. Próxima, inalcançável; riscando azul e algodonévoas. UFPA descalçada, poeira e pó da entrada (sem pórtico) até a sala de aula. Camaleões nas árvores cagando e caindo sobre cadernos e alunos. Prédio ad aeternum em construção e Letras buscando espaço...

Mulheres nas portas, homens nas ruas, velhos nas calçadas, motos e motos, bicicletas... crianças correndo, jogando bola, rindo de nada e de tudo. Praça e praça: mini-bugs, pipoca, sanduíches. Praça, igreja, orla e rio. Praça: lazer. Praça: trabalho. Praça: orla, bares, bares e barracas de tacacá.

Ontem a polícia prendeu um bandido: puseram no carro com vidro sem fumê e na frente batedores em businaços. Disseram-me (eu me ouvi dizendo para mim) que aqui isso é comum. A população petrificada se recongela idêntica a outra jazente na retina fatigada. E explodem apupos e aplausos desmanchando-se como as estátuas fossilizadas (na memória).

Ontem deram-me uma carona. Passaram nas bordas da feira. Um bêbado, ou doido, ou apenas um transeunte distraído. Aos meus ouvidos e de meu olvido: busina e palavras, mas o homem apenas adeja até a borda da rua. Ontem!?

## Honorato, Mestre

Já faz um tempo que tento calcular a quantidade de alunos para quem lecionei. Comecei a fazer umas listas, até, mas a tarefa se mostrou enfadonha e estou quase a concluir que não darei conta dela. Talvez apenas chegue a um número aproximado. Talvez, depois que concluísse ou atualizasse, tentasse saber onde cada um desses discentes estão, o que fazem... aí realmente seria bem complicado dar cabo da missão. Alguns sei onde andam, o que fazem, e (imagino!) o quanto pude fazer diferença no que fazem, positivamente ou mesmo negativamente.

Hoje, entretanto, senti a vontade de anotar, calcular a quantidade de professores que lecionaram para mim. De supetão, a tarefa se tornou mais fácil, por isso tentadora. É provável que eu emperrasse em algum nome. Lembrasse face e escola, mas escapasse-me o nome. Daí pensei em escolher um para homenagear neste texto, já que amanhã é dia dos professores. Logo saltaram alguns nomes, logo cortei alguns e sobraram dois. Um professor e uma professora. Não me sentirei à vontade de escrever sobre a professora, posto estar muito próxima e eu sentir-me envergonhado amanhã, quando provavelmente vá surpreendê-la em sua casa na hora do almoço. Se não amanhã, sábado.

Nós o chamávamos de mestre. Sabíamos e não sabíamos o que era aquilo. Ninguém questionava, pois já era assim quando entramos no SENAI. Para a maioria de nós, mestre era apenas uma forma diferente de chamar o professor. Quem sabe para diferenciá-lo dos professores da escola regular. Brincávamos com a coisa. Mestre

remetia a dois filmes do nosso imaginário de crianças e adolescentes: Guerra nas Estrelas e Karatê Kid. De uma ou de outra forma, ele remetia ao mestre Yoda e ao senhor Miyagi. Fisionomia, ensinamentos e postura diferenciada, ares de sabedoria. Sobrou o senhor Miyagi. Talvez somente agora, se este texto lhe chegar aos olhos, é que ele saiba que alguns de nós o chamávamos assim.

Anos depois de ter terminado meu curso de eletricidade, voltei ao SENAI-CFP de Marabá para lhe pedir uma opinião, um conselho. Eu havia passado num concurso público e iria deixar meu emprego de eletricista para trabalhar numa biblioteca. Eu sabia que seria um caminho sem volta, adeus chaves de fenda, fios e alicates – pelo menos profissionalmente. Queria lembrar o que pensei até chegar ao SENAI, o que pensei no caminho que fiz até a oficina e o que pensei até começar a lhe dizer o sentido de minha visita. Se fosse escrever um conto ou capítulo de romance, faria um flashback ou reminiscência. Meu personagem lembraria do mestre assoviando sempre a mesma canção, enquanto nós tentávamos contar os fios magnéticos de um motor, enquanto nós tentávamos montar um circuito automático com contactores; lembraria como o mestre agia com firmeza nos detalhes: se lhe caísse algo das mãos e algum aprendiz estivesse perto, ele apenas daria um passo atrás que nós entenderíamos e colheríamos o objeto para entregá-lo. Talvez meu personagem se lembrasse de algo bem específico e individual: uma inesquecível lição de estética quando o mestre dobrou os fios do circuito elétrico um a um e calmo mandou refazer o circuito de modo a não parecer uma teia de aranha. Mas não creio ter lembrado nada disso. Lições do cotidiano, de vivência e convivência creio que façam parte daquilo que Walter Benjamin nomeia sabedoria. Daí não caberem nesta crônica: educação para a cidadania, para a convivência, para o respeito, tudo que nossas escolas não ensinavam nem ensinam.

Lembro-me bem que disse isso a ele. Ele lamentou pelas escolas, lamentou por eu ter posto em segundo plano o aprendizado



profissional e lamentou pois queria-me Engenheiro Elétrico (como um pai, ele deve dizer isso a todos), mas deu-me um conselho que me deixou leve: faz o que o teu coração manda, Caboclo. Queria uma opinião, um conselho para um dilema e ele me deu de presente uma chave para vários outros. Se bem entendi, segui o que me disse meu relógio de peito e creio que meu trabalho na biblioteca foi um caminho para meu curso de Letras, para minha formação (ainda em curso) de escritor, para meu trabalho como professor, para chegar ao mestrado e para o que ainda há de vir.

Anos depois, já morando em Belém, estava às vésperas de defender minha dissertação de mestrado. De tanto ex-professores, telefonei para dois. Para a professora com quem trabalho hoje no mesmo grupo de pesquisa e para o Mestre Honorato. Ele me parabenizou, brincou com o fato de nós o chamarmos de mestre sem que ele tivesse ou tenha o título acadêmico. No fundo, ele deve saber que isso não importa. O que fez mesmo diferença em nossas vidas não cabe num papel universitário, nem no espaço dessa crônica. Afinal, mestre não é aquele que “cinzela o boneco e seus riscos no barro e no caráter” (como afirma o poeta e crítico José Fernandes em seu poema “Mestre” - <http://poetacriticojf.blogspot.com/2009/07/mestre.html>)? Mestre não é aquele que faz a diferença positiva e significativamente na vida, por toda a vida, de seus alunos?

Talvez eu faça a lista de todos os meus ex-professores. Quem sabe todo ano escreva sobre um deles. Não sei se escrevei sobre inesquecíveis que devemos esquecer, embora também sejam importantes, pois aprendemos com eles o que não ser. É certo que não farei a lista e a conferência dos nomes de todos os meus ex-alunos até hoje. Entretanto, vou dar-me por satisfeito se souber, não hodiernamente, mas distante no tempo, anos depois de ter lecionado para algum deles, que, de algum modo, influenciei positivamente em suas vidas.

Abilio Pacheco, nasceu em Juazeiro (BA), viveu a primeira infância em Coroatá (MA), dos 07 aos 27 morou em Marabá, e hoje reside em Belém (PA). Durante a graduação teve bolsa de monitoria e depois de Iniciação Científica, ambas em Teoria Literária. Trabalhou como eletricitista, foi bibliotecário por cinco anos e colaborador do Jornal *O Correio do Tocantins* (de Marabá). Fez parte do grupo de Pesquisa



Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (CEFET-PA) e tem mestrado em Letras - Estudos Literários pela UFPA. Atualmente é professor de Literatura na UFPA, Campus de Bragança, recém aprovado para o doutoramento em Teoria e História Literária na UNICAMP. Juntamente com a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Tânia Sarmiento-Pantoja – coordena o grupo de pesquisa *Estudos sobre Narrativa de Resistência* (NARRARES), é membro dos GPs *Estéticas, Performances e Hibridismo* e *Laboratório de Estudos e Pesquisas da Contemporaneidade* (LEPCON) da

UFABC. Publicou *Poemia* (poesia) em formato semiartesanal em 1998, *Mosaico Primevo* (poesia) em 2008, *Riscos no Barro* (ensaios) em 2009. É membro correspondente da Academia de Letras do Sul e Sudeste Paraense com sede em Marabá. É também contista e cronista; está com um projeto de narrativa longa ‘em gestação’ e com a perspectiva de lançar um novo livro de poemas baseado - em parte - no Salmo 137.